

# “Não vou mais lavar os pratos”: os movimentos de contraidentificação no processo discursivo entre a “tola” e a “sábua”

pg 98-107

Elivélton Assis Krümmel<sup>1</sup>  
Marilda Lachovski<sup>2</sup>  
Andressa Brenner Fernandes<sup>3</sup>

## Resumo

Neste artigo, desenvolvemos uma reflexão sobre a relação do sujeito mulher com dada formação discursiva e ideológica, levando em consideração seu processo de subjetivação, trabalhando, especialmente, com a noção de contraidentificação. Também pensamos em como é construído o imaginário de e sobre a mulher, a partir de três materialidades: a primeira referente aos versos bíblicos, transcritos em panos de prato, a segunda relativa à própria escritura sagrada e a terceira correspondente a um poema de Cristiane Sobral.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; Sujeito; Processos de Subjetivação.

## “I WILL NO MORE WASH THE DISHES”: THE MOVEMENTS OF CONTRAIDENTIFICATION IN THE DISCURSIVE PROCESS BETWEEN “TOLA” AND “SÁBIA”

## Abstract

In this article, we develop a reflection on the relationship of the female subject with a given discursive and ideological formation, taking into account the subjectivation process, working, especially, with the notion of counteridentification. We also think about how the imagery of and about women is constructed from three materialities: the first one referring to the biblical verses, transcribed in dish cloths, the second concerning the sacred scripture itself and the third corresponding to a poem by Cristiane Sobral.

**Keywords:** Discourse Analysis; Subject; Subjectivation processes.

*Onde quer que a virtude se encontre em grau eminente é perseguida; poucos ou nenhum dos famosos varões do passado deixou de ser caluniado pela malícia (Miguel de Cervantes)*

1 Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES. Integrante do Corpus: Laboratório de Estudos da Linguagem.

2 Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Corpus: Laboratório de Estudos da Linguagem.

3 Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES. Integrante do Corpus: Laboratório de Estudos da Linguagem.

## No princípio...

“No princípio Deus criou o céu e a terra”<sup>4</sup>. É assim que iniciamos um gesto interpretativo, pressupondo, pelo interdiscurso, que há, por essa assertiva, uma origem, um lócus e, obrigatoriamente, um criador. Pedimos licença ao sagrado e, aqui, enquanto estudiosos de discurso, orientamo-nos na tentativa de entendermos como ocorre os movimentos de sentidos nas formações discursivas e ideológicas, organizando o imaginário e, por sua vez, legitimando alguns discursos, retomando-os, (re) significando-os nas práticas sociais humanas. Pelo empírico, depreendemos que se há um começo – céu e terra, que funcionam como espaços de confronto, sendo um constitutivo do outro –, há também um fim.

Como não nos interessa a origem, o criador, o fim e o empirismo (como supostos e recorrentes meios utilizados no entendimento do saber/fazer “científico”), situamo-nos na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, mais precisamente na postulada por Michel Pêcheux, na França e relida, (re) significada, por Eni Orlandi, no Brasil. Por esse viés teórico, filiamo-nos a uma análise materialista de discurso, a partir da qual não temos como interesse o produto, a palavra dita (o verbo que se fez carne), mas os processos que organizam a produção do discursivo, dos sentidos e da memória. Sempre em processo, o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2008), e, por isso, a própria palavra efeito encaminha para a evidência, para aquilo que é da ordem do naturalizado, do posto e do acabado falha. Não há sentidos prontos ou acabados, ao contrário, são pelos efeitos em evidência que os mesmos sentidos sempre podem ser outros, desestabilizando o discurso, deslizando e abrindo espaços para a interpretação.

Pela visada do sagrado, podemos dizer que os sentidos tendem a ser compreendidos como

4 Recorte do Livro de Gênesis, no Antigo Testamento da Bíblia.

naturais, e, sobretudo, como universais, sendo o homem a imagem e a semelhança do criador<sup>5</sup>. Mas, ao serem tomados sob tais evidências, promovem o confronto, a ruptura e a falha: não há uma totalidade possível de ser alcançada, sendo que não são iguais os sujeitos, nem as condições de produção nas quais os sujeitos estão inseridos, na medida em que o homem é, em semelhança, nunca igual. Comparação aproximativa, mas nunca exata, o humano não é divino, dado que algo lhe falta e, por isso, institui a separação. Céu e terra. É por essa premissa que tratamos, neste trabalho, os modos como se dão as formações discursivas e ideológicas e como essas formações compõem o imaginário sobre a mulher, que, em sua posição sujeito, é discursivizada em três materialidades: a primeira referente aos versos bíblicos transcritos em toalhas de cozinha (popularmente chamadas panos de prato), nas quais o enunciado “O senhor te guardará de todo mal” está posto, a segunda é a própria escritura sagrada, sendo um versículo bíblico de Salmos 121: 7-8 e a terceira um poema de Cristiane Sobral, intitulado “Não vou mais lavar os pratos”.

Entendemos, em nosso gesto, que as três materialidades nos permitem pensar como ocorre a construção do significante mulher no imaginário social, a partir desses discursos que, através de seus funcionamentos, organizam sua construção, estabelecendo, em diferentes condições de produção, diferentes formas de nomear e designar mulher. Logo, não sendo posta na relação mulher = universal/local, sagrada/profana, pura/impura, tola/sábia, sim/não; é, antes de tudo, discurso, portanto, aberto aos movimentos, aos deslizamentos e aos sentidos, na não transparência e incompletude da língua. Assim, nosso percurso faz-se pela língua como uma entrada possível para entendermos como

5 Retomamos o discurso bíblico, mais precisamente o livro de Gênesis, livro que em sua organização trata do momento da criação da terra, dos seres vivos e de tudo aquilo que seria o fundamento do mundo.

funcionam no discurso as formações discursivas e ideológicas, o que nos encaminha para uma reflexão relacionada ao modo como essas noções organizam o imaginário de mulher – posto pelo processo como sempre universal e homogêneo, logo, pautado no religioso ou sinalizado para ele. Assim, ao distanciar-se do religioso, o significante mulher rompe com essa divisão, mas, ao separar-se dele, ocorre a abertura para outras divisões, para outros sentidos. Instabilidade e movência de sentidos e de sujeitos no duplo atravessamento: real da língua, enquanto impossibilidade de que tudo seja dito, e real da história, enquanto contradição, que impossibilita que o social se resolva na interação (PÊCHEUX; GADET, 2004).

### **“O senhor te guardará de todo mal”: um abrigo possível/impossível de ser atingido**

*A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A história é uma representação do passado... A memória se enraíza no espaço, no gesto, na imagem, e no objeto. A história se apegua tão somente às continuidades temporais (Pierre Nora) <sup>6</sup>*

Ao partir do pressuposto de que, assim como afirma Nora (1993) na epígrafe, a história seria sempre uma (tentativa de) reconstrução do passado e a memória seria capaz de se enraizar “no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, entendemos que a história reclama a memória... E a memória, mesmo que não seja, em superfície, aparentemente observável aos olhos vorazes de um analista de discurso, está sempre funcionando, significando, agindo. A história, por sua vez, tem seu real afetado pelo simbólico e, dessa forma, os fatos reclamam sentidos (ORLANDI, 2001, p. 9).

Agora, no terreno discursivo, no qual estabelecemos nossa posição de analista,

<sup>6</sup> Trazemos um trecho da obra de Pierre Nora “Les Lieux de Mémoire”, 1984, traduzida por Freda Indursky em seu artigo “A memória na cena do discurso”.

reconhecemos a mulher enquanto sujeito que, assim como argumenta Pêcheux (1997, p. 213), “está inscrito no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas,<sup>7</sup> que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas”. Sendo assim, as formações discursivas, consideradas neste percurso de análise, podem trazer à baila redes de formações discursivas que, ainda conforme Pêcheux (1997), mantém relações dissimétricas – de forma que o pré-construído – os chamados efeitos-transversos – possibilita uma reconfiguração de determinadas formas-sujeito, a partir de formações discursivas, uma vez que “[...] agem sempre na forma de sujeitos enquanto sujeitos” (PÊCHEUX, 1997, p. 214).

Inscrito em dada formação discursiva dominante, a qual iremos denominar de cristã, o sujeito mulher ocupa historicamente um lugar determinado, que dita, afirma e reafirma; que – pela relação com o todo complexo com dominante – lhe interpela na sua condição de assujeitado pela ideologia. O enunciado, tomado como subtítulo e acima transcrito, estabelece, em nosso ponto de vista, uma promessa que está relacionada com o divino, pois “O Senhor te guardará de todo mal” implica uma dualidade, na qual circundam o caminho da possibilidade e da impossibilidade. O primeiro, circundante na formação discursiva cristã, sinaliza para as condições de servidão do humano ao sagrado, pela retomada do substantivo masculino senhor, senhor que guarda, não de um mal, mas de todo mal. Nesse sentido, compreendemos que o enunciado organiza uma estrutura que tem, em seu funcionamento, a servidão como condição de segurança, como promessa de um futuro que se estende a partir do momento em que aquele que serve entende sua condição de servo, logo de diferente, de não semelhante. Há, por esse gesto,

<sup>7</sup> Pêcheux (1997, p. 160) chama de formação discursiva “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

divisão e não totalidade. Guardar de todo mal, conduz-nos a pensar sobre essa totalidade: um senhor que é onipotente, onipresente e onisciente. Céu e terra separam-se em sua organização, fazem mover as noções de possível e de impossível, sendo o primeiro do humano e o segundo do divino.

Sobre o enunciado, ainda, cabe-nos saber que está em um pano de prato, que é um objeto utilizado no serviço da casa/da cozinha/do espaço privado – lugar que, historicamente, foi concebido como de e para a mulher. Se observarmos o verbete mulher, na Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI)<sup>8</sup>, vemos explicitado essa questão. Nesse verbete, temos a seguinte definição de mulher no espaço público: “imagem de uma mulher perniciosa, que é desprestigiada socialmente”. Por tal definição, notamos que a mulher, quando ocupa o espaço da rua, tem uma imagem negativa de desprestígio social. Relativamente a tal imagem, dizemos que está ligada ao fato de que, estando nesse espaço, ela estaria contribuindo para a “desconstrução” do familiar, estando longe do marido e dos filhos. Logo, por excelência, à mulher é destinado o espaço privado, a cozinha, o trabalho com o pano de prato. Por essa razão, afirmamos que o enunciado em questão, em suas condições de produção, trata da mulher a partir de uma posição sujeito que a compreende como somente: mãe, esposa, dona de casa – cuidadora da casa comandada pelo marido, seu senhor, que rege a família. Ou seja, a mulher que se encontra no espaço público, que não se identifica como imaginário de mulher acima explicitado, não tem a “proteção”, isto é, não é “abrigada” pelo divido, pois o Senhor não a guarda de todo o mal. Divisão de sentidos e de sujeitos.

Assim sendo, observamos que há uma dualidade inscrita na possibilidade ou impossibilidade de um abrigo divino organizado por um Senhor (ainda senhor dos senhores,

único, posto pelo uso da letra maiúscula inicial), o qual é destinado àqueles que o servem, que são distintos dele. A busca do humano pelo divino é, sem dúvida, um dos lugares de maior confronto entre o possível/impossível. Busca nunca acabada. Um abrigo, um lugar. Temos, então, um “lugar de memória” que, conforme explica Nora (1993), é de certa forma “celebrado” pela sociedade, de modo que as lembranças, que permanecem como tradição, se fazem retomadas, significando e instaurando sentidos de modos diferentes, tendo em vista as diferentes formações discursivas e, conseqüentemente, a(s) ideologia(s) que estão imbricadas no(s) discurso(s). Nas palavras de Nora:

É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaína os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, p. 13).

Por Nora (1993), concebemos o abrigo do/no divino como lugar sempre possível e impossível de atingir, quer dizer, como não da ordem do natural, do estabilizado, mas da construção histórica, coletiva e social. Todavia, concebemos que essas condições de sua existência não lhe garantem totalidade e unicidade, antes, permitem-lhe sempre uma busca incessante, o desejo por alcançar. Sempre faltoso. A mulher, nessa relação, dadas as materialidades do enunciado analisado, é aquela que, por haver algo que lhe falta, se constitui como duplamente diferente: do senhor terrestre e do Senhor celeste. Resta-lhe buscar esse abrigo, na família e no religioso, essencialmente, no espaço privado – já que no público não tem o amparo do divino.

Nessa direção, encaminhamo-nos para um segundo enunciado, o qual se refere à transcrição

<sup>8</sup> Enciclopédia Discursiva da Cidade. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbeta/view&id=23>>. Acesso em: 7 de setembro de 2018.

de versículos da bíblia, que, sob nosso ponto de vista, instituí e constrói um lugar onde estão todos os dizeres necessários ao cristão, todas as condições da divisão entre ser e não ser um bom cristão. Sigamos.

## **“A mulher sábia edifica sua casa, mas a tola a destrói”: processos de construção e imposição do sujeito mulher na sociedade**

O enunciado acima citado está disposto no livro de Provérbios 14:1, fazendo parte de uma escritura que é historicamente designada como sagrada, logo, inquestionável, única e, como dissemos, total. Trazemos esse versículo, entendendo que, em sua organização, temos sentidos que se aproximam daquele posto no pano de prato, no entanto, há um recorte: é destinado especificamente à mulher, porque nele há a designação “mulher”. Nesse destino, há uma promessa que ressoa, que pode ser possível se estiver de acordo com o que se determina pelo sagrado: se for sábia edifica a casa, se for tola a destrói. Cabe à mulher, por essa promessa, um dever, uma responsabilidade: é dela que a casa depende. O substantivo casa, sob nosso ponto de vista, é família. Lar. Sentidos em movimento. Deslizes que sinalizam também para a culpa. Não sejais tolas...diríamos. Não ser tola é ser sábia. Mas, afinal, de que sabedoria a bíblia trata? Sabedoria, pelo que sabemos, é posta em outros livros e episódios bíblicos como advinda dos céus, não sendo humana, mas divina. Ligada ao céu, mas não ligada à terra. Há, por esses sentidos, um movimento parafrástico. Conforme Orlandi (2007, p. 177), o funcionamento da paráfrase “configura o espaço da formação discursiva como o espaço do ‘mesmo’ no processo de identificação do sentido, já que, ao identificar o sujeito, o mecanismo da paráfrase lhe dá [...] a impressão da estabilidade do sentido, da permanência de seu ‘conteúdo’”. A

repetibilidade, presente nos enunciados, trazidos por nós, revela a busca pela sabedoria, o que falta ao humano, bem como revela, nessa esteira, um ato de sujeição e, ao mesmo tempo, de invocação, espécie de ritual<sup>9</sup>.

Sob as evidências que nos aponta Nora (1993), diante do que denomina “ritual” na sociedade, pensamos que, na verdade, se tratam de ações de repetibilidade que são capazes de, com o passar do tempo, “cristalizar” determinadas memórias, nas quais as luzes da evidência ou a penumbra do não-dito, do silenciado, carregam ideologias que estão em funcionamento e possibilitam formas de interpretação diante do sujeito mulher. Se de um lado a sociedade sacraliza tradições que são postas em circulação, e de outro os sujeitos são capazes de promover a dessacralização, isso implica em diversas posições sujeito, em nosso caso, vistas a partir da dualidade da designação “sábia” e “tola”.

Inseridos nessa perspectiva, se anteriormente o que estava em questão era a possibilidade/impossibilidade de um abrigo divino, aqui, o que se estabelece é uma relação, respectivamente, de possibilidade a “sábias” e impossibilidade a “tolas”. Chegamos nessas primeiras reflexões calcados no que Indursky (2011) considera sobre repetição, de modo que, considerada(s) a(s) memória(s) sobre esse sujeito mulher, há uma repetição, na segunda materialidade discursiva, em relação à primeira. Portanto, ainda apoiados em Indursky (2011), se ocorre o processo de repetição é porque também funcionam retomadas e regularizações de sentidos que vão constituir essa(s) memória(s) que são postas em circulação pelo viés social. Assim, conectada

<sup>9</sup> Ritual é uma noção complexa que pode ser vista em diversos autores tais como Foucault, Althusser e Pêcheux, entre outros. Para Foucault (2000, p. 39), a noção define “gestos, comportamentos, circunstâncias, e de todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso”; para Althusser (s.d. p. 89, grifos do autor), os rituais são definidos como materiais e são “*também definidos pelo aparelho ideológico de estado de que revelam as idéias desse sujeito*”. Já para Pêcheux (1997), na releitura de Althusser, o ritual está ligado não só aos aparelhos ideológicos de estado, mas à ideologia e às práticas sociais, logo, é sempre falho. Produz equívoco.

sempre com o discurso, enquanto acontecimento, a autora apresenta a seguinte proposição:

Mas a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro. Esta possível movência dos sentidos pode ser captada pelo viés dos processos semânticos que se instauram no discurso (INDURSKY, 2011, p. 71).

Por Indursky (2011), compreendemos que a partir da paráfrase há a deriva. Com relação a isso, Orlandi (1996) explica que a paráfrase e a polissemia são dois processos fundamentais na linguagem que articulam a questão do mesmo e do diferente no discurso. Nessa esteira, apreendemos que há um jogo entre repetibilidade e ruptura no qual a paráfrase e a polissemia se constituem ao mesmo tempo. Dessa forma, se, historicamente, o sujeito pode assumir diferentes posições dentro de uma mesma formação discursiva, dizemos que temos aí a instauração de sentidos outros dentro de dada formação discursiva, o que está ligado a relações ideológicas (INDURSKY, 2011, p. 71). Assim, procuramos conceber quais sentidos podem ser estabelecidos histórico-socialmente a partir de “A mulher sábia edifica sua casa, mas a tola a destrói”.

A bíblia, vista através de sua configuração político-religiosa, impõe uma formação discursiva e ideológica cristã, na qual há uma espécie de “jogo” de ações e consequências: cada página e ensinamento deve funcionar para o sujeito cristão como uma guia social, para que atenda aos ensinamentos divinos, trilhando seu caminho ao “paraíso” e “descanso eterno”. Se não o fizer, e não desse modo, cabe-lhe outro lugar, também no jogo do possível e do impossível.

### **“Não vou mais lavar os pratos”: um movimento de contraidentificação**

[...] *naquilo que me diz, eu me digo* (Eni Orlandi)

Como dissemos, situamos, agora, nossa terceira materialidade discursiva. O enunciado acima refere-se ao título do poema de Cristiane Sobral, que, pelo trajeto feito por nós, até aqui, sugere de pronto uma quebra. Não. Não vou mais lavar os pratos. A negativa instaura em nosso caminho analítico uma ruptura. Resistência.

Aquilo que nos referimos logo no início de nossa discussão, neste artigo, sobre o real da língua e o real da história é o que nos fornece subsídios teóricos para afirmar que são esses movimentos que possibilitam as rupturas, as quebras, os embates, a resistência. Instauram o lugar político sobre o qual a mulher está sujeita, mas também o lugar sobre o qual a mulher é, desde sempre, sujeito de possibilidades. Mas, lembremos, assim como proferiu Achard (1999): a memória, situada do lado da regularização, e não da repetição, provoca uma oscilação entre o histórico e o linguístico. Assim, no jogo de forças, no qual o analista de discurso transita, procuramos exercer um trabalho sobre os discursos em circulação. O que dizemos, tem relação com as nossas duas primeiras materialidades discursivas; é um percurso de regularização de uma formação discursiva cristã, que é construída na/pela sociedade, suscitando um embate sobre as mulheres e suas formas de atuação na sociedade.

De acordo com Achard:

A regularização se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador. [...] É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo<sup>1</sup> e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer o deslocamento, comparação, relações contextuais (ACHARD, 1999, p. 16).

Em “Não vou mais lavar os pratos”, temos uma mulher enunciando sentidos que vão contra o pré-construído relativo à figura feminina: a mulher

como fixada a um lugar de submissão ao homem, seu senhor, e a uma posição de esposa, mãe – limitada ao espaço social e discursivo da casa, do lar. Temos, aí, uma posição de resistência. O que vem a ecoar a reflexão que Pêcheux (1997) faz respeito do “sujeito da enunciação”. Nesse enunciado, entendemos que esse sujeito da enunciação se contrai-identifica com os saberes advindos da formação discursiva cristã, formação discursiva que o domina, buscando, no interdiscurso, outros saberes, os quais também lhe são constitutivos. O movimento de contrai-identificação, que Pêcheux (1997) chama de segunda modalidade<sup>10</sup>, caracteriza, pois, o discurso do que o mesmo autor denomina de “mau sujeito”. Desse modo, o que observamos ocorrerem “Não vou mais lavar os pratos” é uma tomada de posição em que o sujeito da enunciação se separa do sujeito universal, “[...] *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*” (PÊCHEUX, 1997, p. 15, grifo do autor). Em outras palavras, nesse enunciado, temos um sujeito que se volta contra o sujeito universal, assumindo uma posição que estabelece o diferente no interior da formação discursiva cristã. Esse sujeito questiona os saberes dessa formação discursiva, assumindo, pois, uma posição que mostra uma forma-sujeito atravessada por saberes de formações discursivas outras. Nesse sentido, há um movimento de fuga no caminho oposto ao da evidência ideológica, que está carregada pelo sentido da negação. Em síntese, consoante de Pêcheux:

[...] o sujeito, “mau sujeito”, “o mau-espírito”, se *contra-identifica* com a formação discursiva que lhe é imposta pelo “interdiscurso” com a determinação exterior de sua interioridade subjetiva, o que produz as formas filosóficas e políticas do *discurso-contra* (isto é, *contradiscurso*),

10 Esta referência ao que Pêcheux (1997) define como “mau sujeito”, que corresponde à segunda modalidade, o sujeito da enunciação, é contraposta à primeira modalidade, caracterizada pelo “bom sujeito”, o sujeito universal. Nas palavras do autor: “A *primeira modalidade* consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*” [...]” (Pêcheux, 1997, p. 215, grifo do autor).

que constitui o ponto central do humanismo (antinatureza, contranatureza, etc.) [...] (PÊCHEUX, 1997, p. 216, grifo do autor).

Dessarte, o movimento de negação localiza-se no interior da forma-sujeito<sup>11</sup>, porque o interdiscurso<sup>12</sup> permanece determinando os processos de identificação ou contrai-identificação do sujeito em relação às formações discursivas, das quais emanam os sentidos (PÊCHEUX, 1997). É preciso, diante disso, recordar que, de acordo com Orlandi (1999), “falar é esquecer”, ou seja, para que outros sentidos possam surgir é preciso que o esquecimento ocorra. Dessa forma, surgem outros sentidos que já foram possíveis, mas que através de um processo político-histórico, de certa forma, nas palavras, foram “estancados”. Muitas vezes evitados. Sobre esses sentidos evitados, trabalhamos, aqui, não no conflito duro entre evitar e não evitar, mas objetivando conceber como os sentidos evitados retornam, sob ilusão do novo, no tecer do discurso. Nas materialidades por nós analisadas, podemos dizer, por esse viés, que mesmo se tentando apagar o religioso e suas nuances, ele faz-se presente. Essa presença não se faz de modo explícito, aberto, mas sutil. No entrelaçamento de sentidos aparentemente esquecidos, mas que estão lá, no interdiscurso, e que ao serem necessários na ordem do discurso, irrompem. Mas não são mais os mesmos. Novo movimento.

11 Em nosso contexto de análise, entendemos a partir de Pêcheux (1997), que a forma-sujeito depreenderá a reversão correspondente a uma determinação, ou seja, a forma-sujeito corresponde ao que o sujeito do discurso se identifica com sua formação discursiva.

12 De acordo com Pêcheux (1997, p. 167), a definição de interdiscurso corresponde ao “[...] todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas. Courtine (2016, p. 23), também baseado nessa definição primeira de Pêcheux, define o interdiscurso a partir da formação discursiva e argumenta que ele deve ser pensado “[...] como um processo de reconfiguração incessante pelo qual o saber de uma FD é conduzido, em função das posições ideológicas que esta FD representa em uma conjuntura determinada, a incorporar os elementos pré-construídos produzidos no exterior dela mesma, para gerar sua redefinição ou retorno [...]”.

Poressa razão, dizemos que esse sujeito mulher se contraidentifica com a formação discursiva cristã e a sua forma-sujeito, assumindo uma nova posição discursiva e provocando, conseqüentemente, uma nova maneira de discursivizar os sentidos da formação discursiva em questão. Vale destacar que essa maneira não se opera pelo viés da ruptura com dada formação discursiva e sua forma-sujeito, visto que seu funcionamento acontece pelo viés da tensão e do estranhamento (INDURSKY, 2005). Nesse processo, esse sujeito mostra certa resistência aos saberes da formação discursiva dominante, mas não se desidentifica com esse domínio de saber. Nesse movimento, nas palavras de Cazarin e Rasia (2014, p. 207): “saberes e sentidos se movimentam, se (re) organizam, provocam novos efeitos de sentido, mas não a ponto de instaurar uma ruptura” com a formação discursiva que domina o sujeito.

Nessa direção, afirmamos que a mulher, enquanto discurso, não se repete, mas move-se. Debate. Rompe. E, por esse gesto, reivindica para si discursivamente outro lugar sob novas condições de produção, o que, por sua vez, parece compor um outro imaginário. Evidência. Funcionamento da memória.

## **Do esfacelamento de Babel aos movimentos de constituição do sujeito: um possível nunca acabar**

*O destino de uma mulher é ser mulher  
(Clarice Lispector)*

Aproximando-nos do final do nosso texto, trazemos mais uma materialidade discursiva, recortada do Livro de Gênesis, do Antigo Testamento da Bíblia. Trata-se, pois, do mito da Torre de Babel<sup>13</sup>. Essa construção começou a ser edificada numa época em que “o mundo inteiro

<sup>13</sup> Acessamos o site “Mitos e Realidades das Línguas”, que nos maiores esclarecimentos quanto ao mito da Torre de Babel. Ele está disponível em: <<https://purplem.wordpress.com/mitos-e-realidades-das-linguas/mitos-o-mito-de-babel>>. Acesso em 7 de setembro de 2018.

falava a mesma língua, com as mesmas palavras”. Segundo o mito, a intenção era construir uma torre com dimensões colossais, que possibilitasse aos homens alcançar, conhecer e ser como Deus. Como consequência, Deus decidiu confundir a linguagem de cada um, de forma que não pudessem entender uns aos outros e, dessa forma, o projeto foi interrompido. Há, supomos, uma inversão linguística. Mas, essa inversão também implica num processo contínuo de produção de sentidos, dado que, como compreendemos, isso é condição para que o sentido apareça. O sentido é fundado sobre a diferença – multiplicidade de línguas.

Nossa reflexão, nesse momento, aproximamos de uma proposição de Orlandi (2017, p. 262), na qual discute sobre a questão da incompletude que está implicada sobre a linguagem, a língua, sobre os sentidos e os sujeitos. Essa perspectiva aponta para o fato de que a noção de incompletude se alinha com outras ideias, tais como: “à de polissemia, à de movimento, [...] à de falha, à de falta, à de excesso, à de resto, à de a mais. O não exato. O que foge”. O que procuramos estabelecer é uma aproximação sobre os movimentos de incompletude sobre a sociedade, no caso do mito da Torre de Babel e, posteriormente, da mulher, enquanto sujeito que está inscrito em uma formação discursiva porosa e heterogênea, que é constituída, por isso, por saberes que circulam em outras formações discursivas.

Como não percorremos um fim e não estamos preocupados com um produto, mas com o discurso em funcionamento, não fechamos este texto. Enveredamos para uma tentativa de organizar um também ilusório final de uma ideia e precavemos o leitor: este texto é cheio de não, por isso não chegaremos a um lugar seguro e abrigado pelo que dissemos, ao contrário, colocamo-nos no entremeio. Saímos dele, mas deixamos em aberto. Assim, conduzindo o “encostar a porta” – ajudando a derrubar a torre, podemos dizer que no enunciado “O Senhor te guardará de todo mal” temos uma

formação discursiva cristã, que promete à mulher, dona de casa, por meio da materialidade dos “panos de prato”, uma espécie de segurança por meio da sujeição e invocação ao senhor e Senhor, no jogo dos sentidos. Em “A mulher sábia edifica sua casa, mas a tola a destrói”, temos saberes também referentes à formação discursiva cristã, em que a mulher que se situa no espaço privado e se dedica ao cuidado do lar, do marido e dos filhos é uma edificante; do contrário, a mulher que ousa ocupar o espaço público é uma tola e destruidora – essa última não terá, pois, a segurança do S(s)enhor. Se a mulher é sábia, bom sujeito na Análise de Discurso, filia-se a formação discursiva cristã, assumindo a posição de mãe, esposa, do lar; se ela é tola – e enuncia “Não vou mais lavar os pratos”, destrói o lar, sendo, na Análise de Discurso um mau sujeito, assumindo uma posição de resistência aos saberes da formação discursiva cristã. Nesse sentido, esse sujeito luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência efetuada pela negação, revertida a seu próprio terreno (PÊCHEUX, 1997).

Logo, o que há, nesse jogo, é o confronto, luta de sentidos e de sujeitos que, na ilusão de autonomia e apreensão desses sentidos, se dividem. Desdobram-se. Vale ressaltar que, em nossa leitura, não há limites intransponíveis nas formações discursivas, seus limites são sim espaços tênues de mobilização que, pela entrada de outros saberes, vindos de outras formações discursivas, se reorganizam. É por esse viés que afirmamos que no enunciado “Não vou mais lavar os pratos” a mulher ocupa uma posição de resistência, de embate.

Esses movimentos atestam para o que Orlandi (2017) postula sobre a incompletude constitutiva do discurso, o que, para nós, pode ser (re)significado na relação com nossas materialidades, não há plenitude, nem no religioso – espécie de lugar de estabilização e naturalização historicamente construída. Ao promover a homogeneidade, o

religioso faz uma tentativa de apagamento do político, fazendo-se completo. Entendendo-o como lugar de produção de discurso na perspectiva que assumimos, colocamo-lo também como lugar de divisão, de movimento dos sentidos, de confronto, de incompletude. É por essa divisa que instauramos o político no discurso: céu e terra. Nos afastamos do homogêneo, do uniforme, do esperado. O político desestabiliza, confronta, questiona, inquire. Traz o velho pela aparência do novo.

## Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre [et al.]. (Orgs.) *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Tradução: Joaquim de Moura Ramos. Editora Presença, Portugal.

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. In: *Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria*. Santa Maria, RS, n. 48, p. 193-210, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise de Discurso. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. *Policromias*. V. 1, n.1, junho/2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090>>. Acesso em 11 out. 2018.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A Língua Inatingível*. Tradução Bethânia S. Mariani et al. Campinas, SP: Pontes, [1981] 2004.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: *Anais do II SEAD: Seminário de Estudos em Análise de Discurso*. Porto Alegre, UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>>. Acesso em: 02 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Memória e história na/ da análise do discurso*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Tradução de Yara AunKhoury. São Paulo, SP: 1993, p. 7-28.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Maio de 1968: os silêncios da memória? In: ACHARD, Pierre et al. In: *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2008

\_\_\_\_\_. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. Campinas, SP: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

**Submissão:** 14 de outubro de 2018

**Aceite:** 16 de outubro de 2018